

Governo descarta reestruturação da dívida

Joedson Alves/AE

Em palestra no exterior, secretário diz que avaliação do mercado é equivocada

JOÃO CAMINOTO
Correspondente

LONDRES – O secretário para Assuntos Internacionais do Ministério da Fazenda, Marcos Caramuru, procurou ontem, em palestra para cerca de cem autoridades, investidores e analistas em seminário promovido pelo Instituto de Finanças Internacionais (IIF, da sigla em inglês), na capital britânica, afastar os temores de que a dívida pública interna e externa do Brasil poderá ser reestruturada no próximo ano. “Estamos vendo no mercado algumas avaliações equivocadas sobre a dívida do governo”, disse

Caramuru. “Não há razões que justifiquem as previsões de reestruturação; o País está respondendo apropriadamente a esse momento difícil.”

Após a palestra, em conversa com jornalistas, Caramuru afirmou que está testemunhando “um clima de maior otimismo em relação ao Brasil” nos últimos dias. Ele comentou também as projeções apresentadas durante o evento pelo estrategista do banco de investimentos JP Morgan, Graham Stock, que prevê uma queda de 1,5% do PIB brasileiro em 2003, ainda que o País venha a obter um superávit da balança comercial de US\$ 18 bilhões, reduzindo seu déficit na conta corrente para US\$ 4,5 bilhões. Caramuru disse concordar em termos gerais com a avaliação de Stock, com exceção da previsão para o PIB; para ele, “pessimista demais”.

O secretário disse que o Brasil está sendo pressionado pela conjuntura internacional adversa e pelas incertezas provocadas pela sucessão presidencial. “Mas essa incerteza política irá desaparecer assim que o novo governo anunciar as suas posições.” Segundo Caramuru, a posição fiscal do País é “muito sólida” e está dentro da meta acertada com o FMI. “Não há a menor dúvida de que o País irá atingir a meta de superávit primário

acertada com o FMI, o que é um dado significativo.”

Sector externo – O secretário ressaltou os bons resultados da balança comercial, com superávit acumulado, no ano, de US\$ 8,6 bilhões até a segunda semana de outubro. Ele reafirmou também que o fluxo de investimentos diretos estrangeiros (IDE) deverá somar cerca de US\$ 15 bilhões este ano – até setembro, ele já somou US\$ 12,8 bilhões. “Como o déficit na conta corrente neste ano será inferior a US\$ 14 bilhões, o IDE será mais do que suficiente para cobri-

lo.” Em relação à dívida externa do governo, salientou que o volume de amortização nos próximos 15 meses é pequeno e será facilmente administrável.

Caramuru destacou que a carga da dívida externa do setor privado é mais volumosa, e isso está atraindo a atenção dos analistas. “Mas essa dívida está relacionada a grandes companhias, com posições sólidas e que inclusive as vêm reduzindo nos últimos tempos.” Segundo Caramuru, “se o próximo governo seguir na direção certa, será possível recuperar o acesso aos mercados.” (AE)



Caramuru discorda de previsão de queda do PIB do JP Morgan

Economistas contestam previsões

Economistas brasileiros não concordaram com as projeções apresentadas ontem pelo banco JP Morgan em relação ao crescimento do País. Para eles, o Brasil vive um momento de estagnação na economia, mas não de recessão, como afirmou a instituição americana. “Tecnicamente, precisamos ter dois trimestres consecutivos de queda no PIB para caracterizar recessão, o que não ocorreu”, afirma o economista-chefe da Sul América Investimentos, Luiz Carlos Costa Rego. Segundo ele, nesse período, o desempenho da economia tem sido modesto, mas positivo.

A mesma opinião é compar-

tilhada pelo economista-chefe do HSBC Investment Bank, Alexandre Bassoli, que trabalha com a previsão de crescimento econômico para este ano de 1,3%. Para o próximo ano, o grau de incertezas por causa da mudança de governo dificulta projeções, afirma. Mas, na sua opinião, analisando os fundamentos econômicos do País, existem condições para a retomada de crescimento. Será preciso, porém, dissipar as incertezas em relação às políticas econômicas, o que refletirá no risco Brasil, diz Bassoli. “Para isso, temos de ter um horizonte mais nítido.” (Renée Pereira)